

O PECADO E O DESVIO DE CONDUTA MORAL: O DISCURSO CATÓLICO CONTRA AS PRÁTICAS SEXUAIS, SEGUNDO A *SUMMA THEOLOGIAE* TOMÁS DE AQUINO

Pablo Gatt Albuquerque de Oliveira¹

Resumo: O presente trabalho visa, por meio de uma análise do contexto europeu medieval, elucidar os elementos presentes no discurso realizado pela Igreja Católica, que almejava um certo controle sobre a práxis social dos homens e mulheres daquele período. Através deste contexto, analisaremos os pecados, relacionados aos desejos e atos sexuais, como também o discurso religioso de cunho negativo, juntamente com os seus argumentos de restrições as práticas sexuais. Por fim, faremos uma análise relacionando as punições dadas pela Igreja Católica a determinados pecados, com as punições presentes na obra denominada Suma Teológica, escrita por Tomás de Aquino.

Palavras Chave: Igreja Católica medieval; Sexualidade; Restrições; Tomás de Aquino.

Abstract: This work aims, through an analysis of medieval European context, elucidate the elements present in the speech made by the Catholic Church, which aimed some control over the social practice of men and women of that period. Through this context, we analyze the sins related to sexual desires and acts, as well as the religious discourse of negative nature, together with its arguments restrictions sexual practices. Finally, we will make an analysis relating the punishment given by the Catholic Church to certain sins, with punishments present in the work called Summa Theologica, written by Thomas of Aquino.

Keywords: Medieval Catholic Church; Sexuality; restrictions; Thomas of Aquino.

INTRODUÇÃO

Uma das mais fortes realidades presentes durante todo o período caracterizado como Idade Média foi o fato de nada ser concebido fora do pensamento religioso. O poder que a Igreja Católica exerceu no período medieval é de demasiada importância para a realização deste trabalho, uma vez que a autoridade do discurso católico estava associada a uma precisa normatização propagada as condutas dos homens a todos os âmbitos da sociedade. Em uma época onde tudo esteve permeado pela presença do pecado e pela pregação do fim do mundo, surgiram divergentes posições, em relação ao que seria permitido na instituição do casamento diante ao ato sexual. Esse discurso baseado em certas restrições, justificou-se no início do cristianismo, onde houve uma forte influência gnóstica sobre celibato, negando-se cada vez mais o corpo e o sexo, pautado nas primeiras comunidades cristãs onde se era esperado que o celibato e a virgindade fossem adotados por todos aqueles que almejassem a vida religiosa, em

¹ Mestrando em História Medieval pela Universidade Federal do Maranhão. E-mail: gattpablo@gmail.com

que a prática cristã fosse vivida pela generosidade e renúncia dos desejos, modelo celibatário que esteve presente no discurso católico medieval.

Cabe mencionar aqui que não vemos a Idade Média como um modelo único, onde o discurso cristão esteve presente em todos os lugares. Trataremos o período analisado através do discurso religioso segundo os autores mencionados anteriormente e posteriormente, vinculando ao que Tomás de Aquino diz em relação a punição para cada pecado em conjunto com a práxis social que existiu no período. Abordaremos então, de fato, uma ideia de cunho vinculado ao imaginário cristão da época, onde o discurso religioso esteve fortemente presente, estipulando de maneira ideária, uma prática a ser vivida para os homens daquele período, levando-se em conta, que tal modo de vida, não era seguido totalmente por parte dos homens medievais.

A Antiguidade Clássica fora dotada de um rigoroso repúdio a práticas sexuais consideradas inaceitáveis, repúdio que se perpetuo no tempo e foi difundido dentro do Cristianismo, chegando ao medievo onde ganhou mais força, embaçado no combate homossexualidade, a negação da prostituição e do corpo. À vista disso, tal influência ideológica² perpetuou-se como um parâmetro de controle relacionado à vida política, social e econômica dos indivíduos deste período, sendo a ordem social era garantida pela instituição católica. Entretanto o historiador, Johan Huizinga, salienta que para entender a Idade Média, como um todo, precisa-se também levar em conta o aspecto mundano e não apenas o viés religioso. “Para compreender o espírito medieval como uma unidade total, é necessário analisar [...] as representações da fé [...] mas também a sabedoria da vida do cotidiano e das práticas mundanas.” (HUIZINGA, 2013, p. 357).

A cristandade que sempre salientou a negatividade ao sexo, baseou sua repressão na ideia de Pecado Original de Adão e Eva, onde Adão após a sua expulsão do paraíso, perdeu a sua pureza que o igualava aos anjos, tendo de que se adaptar aos novos moldes de sua vida que seriam transmitidos para todos os seus filhos e netos e que perpetuam até hoje, segundo a Bíblia. Evidencia-se então, que uma característica marcante da interferência do pensamento religioso no cotidiano medieval é a propagação de uma resistente repressão à sexualidade, vinculada à

² Para os fins deste trabalho, considera-se o valor semântico do termo, qual seja conjunto de ideais que vigoram sobre um grupo social.

ideia de Pecado Original³ de Adão e Eva formulada primeiramente por Agostinho de Hipona⁴ e reforçada por Tomás de Aquino⁵, exigindo destes homens uma absoluta pureza em relação ao corpo.

Ainda no contexto de negação vinculado ao corpo e ao sexo diante do discurso católico, as mulheres⁶, antes de tudo são imagens, devem cuidar de sua aparência e diante o público elas devem se manter caladas, segundo o ideário do discurso cristão. Mediante a este fato, duas “figuras” femininas se destacaram na Idade Média, representantes do mal e do bem. A primeira representação feminina dispõe de uma imagem de cunho negativo, conhecida como Eva, tal figura é apresentada como imagem semelhante a Adão depois do pecado e não a Deus, sendo conseqüentemente, o oposto de tudo que é bom. Enquanto isso, Maria por sua vez, outra figura bastante comentada, é totalmente diferente da Eva pecadora e é colocada como a redentora, dona de uma fama por excelência, moça bela, pura e graciosa. Permaneceu virgem mesmo sendo mãe de Cristo e de toda a humanidade e era vista como fonte de redenção. Se tornou muito popular no século XI e estava também ligada diretamente à concepção de milagre. Percebe-se aqui que a Idade Média carregou em si, um aspecto negativo da mulher e por ser semelhante a Adão e não a Deus, acarretou-se para a figura feminina uma característica de inferioridade natural ao sexo masculino.

Por meio da propagação desses valores e da forte negação à figura feminina, reforçou-se a autoridade clerical perante os homens comuns, esperando-se que a vida no medievo fosse regida e vivida em princípios idealizados pelo catolicismo. Nota-se que a Igreja Católica medieval adotou um discurso de repressão formulado posteriormente ao seu apogeu e o propagou durante o período em que esteve no poder, fazendo modificações necessárias a este discurso para que se pudesse haver a perpetuação da linhagem e a continuação da propagação da palavra de Deus. Para garantir a continuidade da igreja, até mesmo a manutenção de seu sistema, a instituição cristã elaborou um discurso de repressão onde o sexo deveria ser praticado segundo os seus

³ Pecado Original é o pecado de desobediência ou também de curiosidade que foi cometido pelos nossos primeiros pais, assim como se encontra na Bíblia em Gêneses. Neste trabalho vale ressaltar que será abordada uma outra visão relacionada ao Pecado Original, proposta por Tomás de Aquino, frade italiano, onde estaria presente no Pecado Original a razão e o desejo sexual, desvinculando-se de uma perspectiva bíblica.

⁴ Agostinho de Hipona ou mais conhecido como Santo Agostinho, (357-430), foi um dos mais importantes teólogos do início da doutrina cristã, sendo canonizado pela Igreja Católica. Seus escritos influenciaram a formulação da doutrina cristã e no desenvolvimento da mesma.

⁵ Nascido na Itália, Tomás de Aquino (1225-1274) foi um monge dominicano de grande influência para a teologia católica medieval. Considerado como santo atualmente, Aquino reformulou a teologia cristã medieval, associando os princípios aristotélicos aos do cristianismo.

⁶ Quando mencionado o termo mulher ou equivalente ao gênero neste trabalho, não se deve considerar que todas as mulheres da Idade Média fossem subordinadas ou submissas aos homens, estando inclusas em um discurso de inferioridade e negação.

moldes, proibindo inúmeras posições sexuais, em que a relação sexual deveria ser realizada apenas em dias permitidos pela igreja e principalmente o sexo conjugal apenas para a reprodução, negando todo e qualquer tipo de prazer, contudo sabe-se que esse discurso não fora efetivo já que existiu a relação entre dois homens no período, a prostituição e o próprio sexo com prazer.

A CONSOLIDAÇÃO DO DISCURSO CRISTÃO SOBRE O CORPO

Norbert Elias, em sua obra *Os Estabelecidos e os Outsiders* (2000), ao estudar uma pequena comunidade de Winston Parva, na Inglaterra, elaborou uma concepção de poder que permeou por toda a esfera social analisada. O mecanismo de poder proposto por Norbert Elias provinha de um grupo antigo presente naquela sociedade, denominados de “Estabelecidos⁷”, que dispunham de construções de ideais que se consideravam a ser corretos, formulados anteriormente à presença destes mesmos “Estabelecidos” e foi apenas transmitido de geração em geração, garantindo a perpetuação e a ocupação dos cargos institucionais de poder, para os membros deste grupo. Em contrapartida, encontravam-se os novos moradores desta comunidade, os “Outsiders⁸”, representados por aqueles que não se encaixavam no ideal de “Estabelecidos”, que estavam fora do controle social dos mesmos e que por suas vezes, praticavam inúmeros atos que não eram aceitos pelos “Estabelecidos”, segundo a sua concepção de sociedade correta, necessitando de um discurso que regulasse tal conduta.

Era graças a seu maior potencial de coesão, assim como à ativação deste pelo controle social, que os antigos residentes conseguiam reservar para as pessoas do seu tipo os cargos importantes das organizações locais, como o conselho, a escola ou o clube, e deles excluir firmemente os moradores de outra área, aos quais, como grupo, faltava coesão. (ELIAS, 2000, p. 22)

Analogamente à perspectiva de Norbert Elias, Tomaz Tadeu da Silva, em sua obra *Identidade e diferença*, diz que afirmar uma identidade de superioridade é garantir poder e assim, excluir

⁷ Estabelecidos para os fins deste trabalho, é um grupo que se encontra no poder antes mesmo da chegada de um novo grupo a uma certa localidade, dispondo de regras e condutas propostas por membros deste mesmo grupo anteriormente e passadas adiante.

⁸ Para o termo Outsiders considera-se um novo conjunto de pessoas ou um novo grupo, que chegará a uma certa localidade onde se encontram moradores antigos dispostos de um conjunto de leis a serem seguidas.

o grupo diferente. Contudo, as identidades são produzidas justamente pela diferenciação, sendo interligadas e impostas, criando-se um instrumento de dominação entre os grupos sociais.

A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença, estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade a diferença não são, nunca, inconscientes. (SILVA, 2014, p. 81)

Através de uma análise de ambos, evidencia-se que o poder é garantido pela diferença e imposto pela linguagem, de forma obrigatória àqueles que são considerados como “Outsiders”, resultando em suas exclusões, sendo a própria diferença um elo entre os dois grupos.

A Igreja Católica medieval se estabeleceu no poder graças perspectiva de diferença, como relata Le Goff, em *O Deus da Idade Média* (2013), e foi através dessa perspectiva que combateu os considerados hereges durante todo o período em que esteve no poder, realizando missas com pregações de cunho negativo ao sexo, impondo as confissões como obrigatórias e gerando uma práxis social a ser seguida por todos os homens daquele tempo, sendo a Igreja Católica medieval a única instituição hierarquizada do período que conseguia ultrapassar os domínios de alcance da palavra real.

É então que sobrevém a decisão do imperador Constantino, depois do edito de Milão (313), de não apenas tolerar a nova religião, mas até mesmo de recorrer ao Deus dos cristãos, do qual esperava sua salvação e a do Império. (LE GOFF, 2013, p. 19)

Le Goff salienta que o Cristianismo foi aceito por diferenciar-se das outras religiões, difundindo a salvação para todos aqueles que seguissem os passos de Deus, o Deus católico. Essa concepção de salvação idealizada pela Igreja Católica difundia no Alto Império Romano, ganhou força na Idade Média e continuou a ser propagada para todos, afim de garantir exercer tal controle social. Consolidando-se no poder, a instituição religiosa do período medieval trouxe consigo a negação do corpo, pautado no Pecado Original formulado por Agostinho de Hipona e posteriormente, reformulada por Tomás de Aquino. A concepção acerca do pecado de nossos primeiros pais formulada por ambos, varia de acordo com o pensamento de cada época. Agostinho de Hipona influenciado pelas ideias neoplatônicas classificou o Pecado Original como um pecado de desobediência enquanto Tomás de Aquino, influenciado pelo neoaristotelismo de seu tempo, definiu o Pecado Original como desejo sexual, reformulando a teologia medieval.

Adaptando os conceitos explicados por Norbert Elias (2000) para a Idade Média, “Outsiders” seriam aqueles considerados hereges: judeus, pagãos e cristãos que praticavam o pecado, excluídos do poder pela minoria ascética católica. A identidade proposta pela Igreja Católica medieval classificava o que era considerado certo ou errado, garantindo um sistema definido de conduta, “uma auto-regulação dos sentimentos e da conduta de cada um de seus membros em relação aos outsiders”. (ELIAS, 2000, p.41) De acordo com Tomaz Tadeu:

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. (SILVA, 2014, p. 83)

O discurso católico que teve seu apogeu na Idade Média, passou por inúmeras transformações como citado anteriormente, em que a principal dela foi em relação ao Pecado Original. Tomás de Aquino, fora um dos primeiros padres da igreja a associar o ato de Adão e Eva ao desejo sexual, realizando uma definição que modificou a teologia cristã. É nesse contexto de reformulador da cristandade medieval é que Aquino nos interessa. A nova doutrina cristã iniciou-se com o uso da razão e com o aprimoramento dos princípios do cristianismo primitivo. Anteriormente a Tomás de Aquino, a teologia antiga pregava os princípios da razão, da fé, da teologia e da filosofia concomitantemente, maneira a qual não agradava o dominicano. Reformulador da teologia dita católica na Idade Média, Aquino deu início à filosofia pura no pensamento cristão. Considerado como um dos principais teólogos da teologia medieval, o dominicano, usou a razão para entender Deus, artifício do qual o pai da patrística, Agostinho de Hipona, não usava, apropriando-se do uso da razão.

O tomismo afirma-se e caracteriza-se como uma crítica que valoriza a orientação do pensamento platônico-agostiniano em nome do racionalismo aristotélico, que pareceu um escândalo, no campo católico, ao misticismo agostiniano. Ademais, o tomismo se afirma e caracteriza como o início da filosofia no pensamento cristão e, por conseguinte, como o início do pensamento moderno, enquanto a filosofia é concebida qual construção autônoma e crítica da razão humana. (CASTAGNOLA, PADOVANI, 1993, p. 240-241)

Por fim, ao se averiguar o sistema de poder instituído no período medieval, percebe-se que, assim como retrataram os dois autores, o poder disposto pela Igreja Católica foi garantido e realizado similarmente. Pertencente aos “Estabelecidos”, a instituição religiosa cristã tivera um discurso que já estava presente no contexto religioso anterior, realizando uma repressão aos ditos atos sexuais que não se encaixavam em seu discurso de cunho negativo ao corpo,

estruturado no Pecado Original e na negação da mulher, articulando um ideal de vida a ser seguido, que na maioria das vezes, não era eficaz pois a práxis social medieval nos mostra outro modelo de vida, onde tal práxis sexual que será elaborada adiante, tem como objetivo mostrar que o discurso religioso não eram totalmente ativo.

A PRÁXIS SOCIAL NA IDADE MÉDIA, O DISCURSO CATÓLICO E AS PUNIÇÕES

O discurso realizado pela Igreja Católica no período medieval não era totalmente eficaz, pois a existência de heresias que precisavam ser combatidas constantemente pelo poder católico, justificava a não eficiência do discurso, resultando em umas práxis sociais diferentes da pregada no teor religioso. A igreja detinha uma visão clara de sua autoridade e responsabilidade, pois a figura do mal esteve sempre presente, fazendo com que a pregação da chegada do fim do mundo e a necessidade de salvação dos homens, fossem difundidas a todo o tempo. Para aqueles que não seguissem o seu discurso e agissem por vontade própria, a instituição católica os consideravam como sucessíveis a sofrerem punições por seus atos e desejos, estando então, colocando as suas vidas e de toda a sociedade em risco, ao praticarem determinados pecados.

Uma das funções da Igreja e de seus tribunais é a luta contra a heresia. Toca-se aqui numa característica essencial da vida medieval, preciso compreender que a Igreja é então a garantia da ordem social, e que tudo aquilo a ameaça ataca ao mesmo tempo a sociedade civil. (PERNOUD, 1990, p. 89)

Régine Pernoud (1990), nos mostra que o combate às heresias era uma das atividades presentes no cotidiano da Igreja Católica medieval, elucida que as heresias não eram prejudiciais apenas para a Igreja e sim para toda a sociedade civil, pois culminava na não salvação do indivíduo e na contaminação da comunidade. O combate às heresias, garantia a ordem social. Vale ressaltar que o discurso propagado pela Igreja estava envolvido na ideia do fim do mundo, esperando-se uma conduta correta por parte de todos, para que se configurasse o reino de Cristo na terra.

Uma contradição ao discurso encontrava-se na figura da prostituta medieval. A prostituta era vista como uma forma de manter a sexualidade dos homens, principalmente dos estudantes que praticavam atos homossexuais e era vista como forma de evitar o acontecimento de pecados maiores como a sodomia e o estupro. Embora a prostituição fosse tolerada como mal necessário, Jeffrey Richards em Sexo, desvio e danação (1993), salienta que existia uma hierarquização entre as prostitutas. Elas eram produtos das cidades e um fenômeno social que precisava de regulamentação, já que a lei canônica diferenciava o que vinha a ser prostituição e o que seria

concubinato. A maior contradição encontra-se no Clero: justamente os que pregavam uma vida pautada na moderação sexual eram 20% da clientela dos bordeis medievais, segundo Richards (1993). Podemos encontrar ainda em Richards (1993), no período de Henrique I, na Inglaterra, a prática da prostituição regulamentada. Em Veneza, com o Grande Conselho de 1358, constatou-se que as prostitutas eram indispensáveis para o mundo. Para Inocêncio III, aqueles que se cassassem com prostitutas teriam todos os seus pecados perdoados e, em Florença de 1403 o governo procurou construir bordeis e recrutar prostitutas para evitar o mal maior da sodomia. Ressalta-se que não se deve colocar o período conhecido como Idade Média em uma imagem geral, pois cada localidade teve a sua especificidade.

Além da forte afirmação da fé católica e da remissão de todos os pecados através das confissões, as prostitutas não eram as únicas preocupações da Igreja Católica. Carlo Ginzburg, em *História noturna: decifrando o Sabá* (2012), nos mostra que além das prostitutas existiam problemas heréticos voltados aos judeus e às bruxas. Onde tudo o que é demoníaco é herético, e vice-versa, Ginzburg menciona uma comunidade de Avignon em 1321 onde os judeus foram condenados à morte por tentarem envenenar as águas dos poços e, em 1597, em Aberdeen, onde as bruxas foram associadas ao Diabo por juízes. O ponto em questão é que, pelo poder da Igreja Católica ser amplo, até maior que o poder real, ainda assim o seu discurso não era totalmente efetivo. No início do século XIV a Igreja começou a enfrentar ameaças, pois seu discurso ganhou críticas severas dentro e fora da instituição. Como notado, a práxis social não era aquela esperada pelos detentores do poder espiritual, acontecimentos considerados como indesejáveis ocorriam a todo o tempo, gerando para a Igreja Católica medieval uma série de punições a serem estabelecidas, assim como, fora formulada punições e classificações de pecados por Tomás de Aquino e pela própria igreja do período.

O discurso religioso cristão elaborado pela igreja medieval, para tentar se fortificar utilizava mecanismos de controle, como por exemplo, as confissões. Como confessar-se era obrigatório para todos a partir do século XII, a igreja tentou efetivar o seu discurso através desse mecanismo, tendo sido elaborados inúmeros livros de penitências para coerção de pecados. Cada pecado estava diretamente ligado a uma penitência e tais penitências giravam em torno de dias a base de pão e água, oração e principalmente uma vida pautada na abstinência sexual. Para melhor elucidar tal questão, entende-se aqui pecado como todo ato contra a vontade de Deus, realizado com a presença ou sem a presença da razão, não sendo todos os atos contra a vontade de Deus iguais, podendo um ser maior que o outro, variando de acordo com a vontade e o objetivo final. Tomás de Aquino classifica o desprezo à Deus como pecado, onde todos os

pecados carecem de ordem, tendo como princípio de todos os males a soberba, o início do afastamento de Deus.

Mas, em contrário, pecado é o dito, feito ou desejado contra a lei de Deus. Ora, o dito, feito ou desejado distingue-se, especificamente, pelos objetivos diversos, pois, pelos objetivos é que se distinguem os atos, como já se disse (q. 18 a.5). Logo, também os pecados se distinguem especificamente pelos seus objetivos. (AQUINO, 2001, p. 02)

O pecado em si é um ato tido contra a vontade de Deus que precisa ser punido. Contudo Tomás de Aquino em sua obra Suma Teológica, classifica dois tipos de pecados, os pecados mortais e os pecados vênias, existindo inúmeros gêneros de pecados classificados como mortais e veniais.

Por fim, a privação da ordem, relativa ao último fim, não pode ser reparada por nada superior a ele, assim como não o pode o erro relativo aos princípios. Por isso, os pecados em questão chamam-se mortais por serem como irreparáveis. Ao contrário, os pecados, desordenados relativamente aos meios, conservada à ordem para o último fim, são reparáveis. E esse se chama veniais. (AQUINO, 2001, p 77)

São pecados mortais aqueles que não são dignos de salvação, cometidos pela vontade humana e veniais aqueles dignos de perdão. O ponto em questão gira no fato de como punir os pecados mortais no plano terreno, já que as consequências são após a vida, acarretando-se na salvação. Tomás de Aquino entende então que era necessário punir tais pecados pois em seus escritos quando o pecado se encerra o seu mal se encerra também.

Pois, nem todos os pecados veniais do mundo podem implicar tão grande reato como o de um pecado mortal. O que resulta claro da duração; pois, o pecado mortal implica o reato da pena eterna; e o venial o da pena temporal, como se disse (q. 87 a.3 a.5). E isto também se conclui com clareza refletindo sobre a pena do dano; pois, o pecado mortal merece a privação da visão divina, a que nenhuma outra pena pode comparar-se, como diz Crisóstomo. (AQUINO, 2001, p.80-81)

As punições dadas pela igreja medieval variam de acordo com cada pecado, com o nível de maldade alcançado e pela ação realizada, assim como suas respectivas punições. Os pecados com maiores níveis de punições são aqueles cometidos em que não houve o fim da reprodução, base para a realização do casamento, variando em cerca de 7 a 10 anos de punições, como o coito anal e o aborto. São também pecados com maiores punições, aqueles realizados entre dois homens, como a sodomia e a masturbação, acarretando uma pena de 15 anos para o primeiro ato e 3 para o segundo, de acordo com Richards (1993). Essas punições serviam como medidas para expelir tais pecados e para manterem a ordem social da comunidade.

Por fim mesmo um pecado, sendo ele de cunho mortal, punido em terra, a sua condenação se dá nos dois planos, terreno e espiritual, pois no discurso religioso cristão da época, o reino de Cristo para se configurar na terra dependia da pureza dos homens. Assim como os pecados, no discurso religioso medieval, precisam ser punidos no plano terreno, para Tomás de Aquino, dependendo da classificação do pecado, cometido através da vontade ou não, o mesmo, deveria ser punido, porém as consequências perdurariam após a vida terrena.

REFERÊNCIAS

SANTO TOMÁS DE AQUINO. *Suma de Teología* II. 2º ed. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos, 2001.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. *Os estabelecidos e os outsiders*: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

GINZBURG, Carlo. *História Noturna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

HUIZINGA, Johan. *O outono da Idade Média*. São Paulo: Cosac Naif, 2013.

LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média*: conversas com Jean-Luc Pouthier. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013.

PADOVANI, Umberto; COSTAGNOLA, Luís. *História da Filosofia*. São Paulo: Melhoramentos, 1993.

PERNOUD, Regine. *História das mulheres no ocidente*. Porto: Afrontamento, 1990. 5v.

RICHARDS, Jeffrey. *Sexo, desvio e danação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.

SILVA, Tomaz Tadeu (organizador). *Identidade e diferença* – A perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 2014.